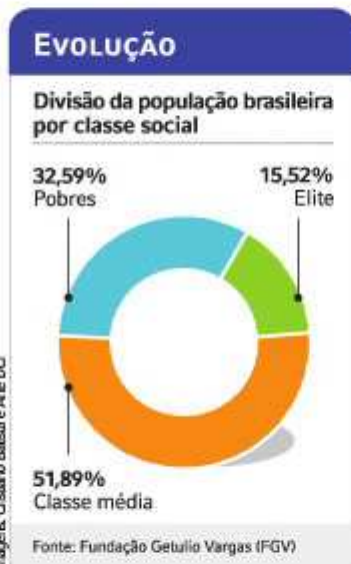


Mais ricos e menos pobres explodem as vendas de luxo

SÃO PAULO

Uma fila de interessadas em adquirir itens como a bolsa Lockett Alligator, da grife Louis Vuitton, que custa R\$ 58 mil, esperam semanas e semanas para desfilar com seu objeto de desejo, por conta da forte demanda de itens de luxo no Brasil. A tradicional grife francesa Hermès anuncia a abertura de sua primeira loja no País este ano, em São Paulo, em parceria com a JHSE. Também a italiana Gucci está chegando agora ao Shopping Iguatemi, na capital paulista, além da Giorgio Armani, no Shopping Cidade Jardim, em São Paulo.

Enquanto isso, o Grupo Armani projeta nova loja de 238 metros quadrados em São Paulo, sendo a decoração inspirada na da boutique Giorgio Armani Paris. Para a diretora executiva da empresa, Patrícia Gaia, o Brasil vive um excelente momento. "Vivemos um



momento especial, o da consolidação do mercado de luxo, com um horizonte amplo para expansão", analisa.

O movimento dessas empresas está relacionado diretamente ao quadro apresentado ontem

pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), que mostra, pela primeira vez, a classe média representando mais da metade da população brasileira (51,8%). Nesta classe, estão as famílias que possuem rendimento médio entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591 ao mês. Há cinco anos este percentual era de 42,49%. Mais que isso, o estudo indica que entre os brasileiros da classe A e B, com rendimentos maiores que R\$ 4.591, houve aumento na participação. Hoje, essa fatia da população representa 15,52%, contra 12,99%, em 2002.

Sendo ainda mais seletivo, um levantamento do Instituto de Pesquisas Econômicas Avançadas (Ipea) mostra que o número de indivíduos pertencentes a famílias com renda mensal igual ou superior a 40 salários mínimos (R\$ 16,6 mil) cresceu de 0,8%, para 1%, entre 2003 e 2008.

Na parte de baixo da pirâmide,

o resultado não é diferente. A taxa de pobreza caiu de 35%, em 2003, para 27,1%, em 2006. Para 2008, a estimativa do Ipea é de que o índice chegue aos 24,1%. Em valores nominais, entre 2002 e 2008, a projeção é de que 3 milhões de pessoas deixem a pobreza nas regiões pesquisadas (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Recife).

Para Márcio Pochmann, presidente do Ipea, o ritmo de crescimento da economia, associado ao aumento do salário mínimo, às políticas sociais públicas e o aumento do crédito foram fatores decisivos para o crescimento da renda dos trabalhadores. O documento define como "pobres" todas as pessoas com renda *per capita* igual ou inferior a meio salário, isto é, R\$ 207,50.

PAULO SÉRGIO PIRES

PAULA ANDRADE

→ ESPECIAL | PÁGS. A4 E B12

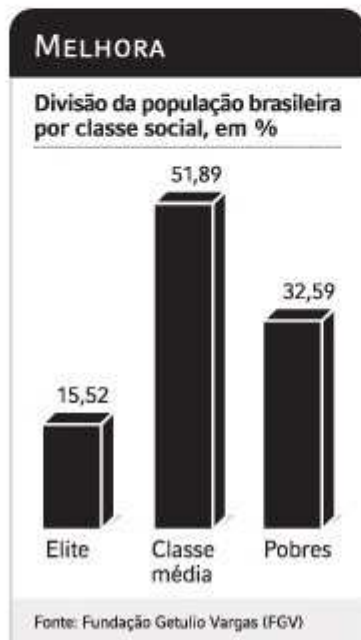
Classe média já é mais da metade da população do País

Estudo do Ipea mostra que a taxa de pobreza caiu de 35%, em 2003, para 27,1% em 2006. Para 2008, a estimativa do Instituto é que a taxa chegue aos 24,1%.

BRASÍLIA

A classe média já representa mais de 50% da população brasileira. Esta é a conclusão de uma pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) com famílias que possuem rendimento médio entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591. Há cinco anos este percentual era de 42,49%. O aumento do emprego com carteira assinada e o bom desempenho da economia brasileira frente a crises externas foram os propulsores da ascensão financeira da população. "O Brasil fez o dever de casa nos últimos 20 anos e está colhendo esses frutos", disse o economista responsável pela pesquisa, Marcelo Néri. Segundo ele, a ascensão de parte da população também se explica pela geração de renda. Ou seja, cada um está ganhando seu próprio dinheiro e dependendo menos de transferências sociais.

Com mais gente na classe média, as classes mais baixas perderam participação. A pesquisa da FGV mostra que nos últimos seis anos houve queda na população que ocupa a classe E, ganhando até R\$ 768. Essa parcela era de 42,82% em 2002. Atualmente, é de 32,59%. A classe D, que recebe entre R\$ 768 e R\$ 1.064, ficou estável



no período. No total, os brasileiros considerados "classe baixa", famílias que ganham menos de R\$ 1.064, caíram de 46,13% para 32,59% da população brasileira.

Entre os brasileiros da classe A e B, com rendimentos maiores que R\$ 4.591, houve aumento na participação — hoje são 15,52%, contra 12,99%, em 2002. O estudo da FGV foi feito com base nas pesquisas mensais de emprego do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e dados do próprio Ministério do Trabalho. O levantamento da FGV verificou ainda diminuição das desigualdades sociais e da miséria, que caiu 30% nos últimos seis anos.

Em abril deste ano, foram computados como miseráveis no Brasil 25,16% da população. Essa é a menor taxa desde 2002, mas representa 36 milhões de brasileiros que estão na classe E, segundo

a pesquisa, e ganham no máximo R\$ 768 por família durante um mês. Ainda de acordo com a FGV, entre as seis regiões pesquisadas, registraram as maiores quedas na miséria as capitais: Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Salvador. Já Porto Alegre, Recife e São Paulo ficaram na lanterna.

Ipea

Apesar do crescimento da classe média, ontem o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) divulgou estudo que mostra que o crescimento da economia não está se refletindo em melhora salarial para os mais pobres do País. "Entre 2002 e 2008, existem menos pobres no País. No entanto, os ricos também ficaram mais ricos. Isso quer dizer que o crescimento de 22,6% na produtividade não foi repassado para os salários dos trabalhadores, que cresceu apenas 10,5%", analisou presidente do Ipea, Márcio Pochmann, diante do estudo sobre a pobreza nas regiões metropolitanas do Brasil.

Para ele, o ritmo de crescimento da economia, associado ao aumento do salário mínimo, às políticas sociais públicas e o aumento do crédito foram fatores decisivos para o crescimento da renda dos trabalhadores. O documento define como "pobre" todas as pessoas com renda *per capita* igual ou inferior a meio salário, isto é, R\$ 207,50. Indigentes, por sua vez, são aqueles que recebem menos de um quarto do salário mínimo, ou R\$ 103,75. Pessoas ricas, segundo o Ipea, são aquelas pertencentes a famílias cuja renda seja igual, ou maior, do que 40 salários

→ DISTRIBUIÇÃO

«Entre os anos de 2002 e 2008, existem menos pobres no País. No entanto, os ricos também ficaram mais ricos»

MÁRCIO POCHMANN
PRESIDENTE DO IPEA

mínimos, ou R\$ 16,6 mil por mês. Elaborado com base nos dados nos dados das Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (Pnad), o estudo informa que a taxa de pobreza caiu de 35%, em 2003, para 27,1% em 2006. Para 2008, a estimativa do Ipea é que chegue aos 24,1%. Em valores nominais, entre 2002 e 2008, a projeção é de 3 milhões de pessoas deixem a pobreza, nas regiões pesquisadas. "As regiões metropolitanas que apresentam as maiores taxas de pobreza no período analisado foram as regiões de Recife e Salvador, onde a estimativa para 2008 indica, respectivamente, 43,1% e 37,4% de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza", informa o estudo do Ipea. Segundo o documento, São Paulo e Porto Alegre estão na outra ponta, ou seja, com as menores taxas de pobreza estimada para 2008: de 20,7% e 20% respectivamente.

PAULA ANDRADE

Já publicamos 5.000 reportagens sobre

REND

Para mais informações sobre esse tema, use nosso buscador nos sites:

www.dci.com.br
www.panoramabrasil.com.br